



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**APRESENTAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO EM UM CONTEXTO  
BILÍNGUE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESPAÇO  
ESCOLAR**

**RENATA FARIAS CORTEZ**

**Brasília – DF  
Novembro, 2015**

**Renata Farias Cortez**

**APRESENTAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO EM UM CONTEXTO  
BILÍNGUE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESPAÇO  
ESCOLAR**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho.

**Brasília – DF**

**2015**

Trabalho final de curso de autoria de Renata Farias Cortez, intitulado *“APRESENTAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO EM UM CONTEXTO BILÍNGUE E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR”*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 09/12/2015 à banca examinadora abaixo assinalada:

---

**Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (Orientadora)**

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília - UnB

---

**Professor M.<sup>a</sup> Andreia Pereira Araújo Martinez (Examinador)**

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB

---

**Professora M.<sup>a</sup> Nirce Barbosa Castro Ferreira (Examinadora)**

Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília - UnB

## AGRADECIMENTOS

Não há como pensar em agradecimento e não remeter à minha família, que sempre esteve ao meu lado. Primeiramente a Deus, que sempre esteve e está ao meu lado em todos os momentos da minha vida, concedendo-me sabedoria e fé. A meus pais, que nunca mediram esforços para que eu chegasse até esta importante etapa. Às minhas avós, que sempre me apoiaram em cada decisão e me mostraram os melhores caminhos a serem seguidos. Aos meus irmãos, Bruna e Lucas, que sempre me deram forças para seguir adiante com meus sonhos, e ao meu marido, Paulo Henrique, um homem que sempre se manteve firme nessa minha jornada, ao meu lado diariamente, me apoiando nos nossos melhores e nem tão bons momentos.

Aos amigos que tiveram total paciência para entender todos os momentos e permanecerem comigo, me aconselhando, divertindo e entretendo. Em especial à minha amiga Daniela Mafra, por toda doação de seu conhecimento e sempre disposta a me ajudar.

A todo o amor, paciência, conversas e apoio de Luís Paulo, Marcos e Déborah.

À UnB, que me proporcionou momentos únicos e junto a eles, amigos maravilhosos, Priscila, Jéssica, Laryssa, Larissa, Bárbara, Ana, Andressa, Manuela, Murillo, Nayara, Sheila, e Bete, que pretendo levar para além da vida acadêmica. Não tem como deixar de agradecer, em especial, à Isabelle, por estarmos juntas desde o início, sendo uma grande parceira e aliada neste âmbito acadêmico.

Ao Colégio Internacional Everest, e todos que nele estão inseridos, pois foi lá que tive a base para gerar o tema e pesquisas para essa monografia.

E por último e não menos importante, à professora, orientadora, mãe de todos, Sônia Marise. Eterna gratidão por ter sido tão presente em minha jornada acadêmica. Por sua paciência e zelo de sempre, pela paciência na orientação, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a execução e conclusão desta monografia.

## RESUMO

A alfabetização tem sido alvo de discussões diante daqueles que se preocupam com a Educação, haja dadas observações feitas por especialistas da área de que a alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura. Junto deste tema, este trabalho tem como objetivo apresentar a alfabetização em um contexto bilíngue e suas contribuições no espaço escolar. Para isso, foi feito um referencial teórico enfatizando essas contribuições e de que maneira elas acontecem no contexto de sala de aula. Através de uma observação participante, a qual valoriza o conhecimento baseado na experiência, foi possível evidenciar, diante da minha vivência em uma escola particular do Distrito Federal, como acontece no cotidiano. A partir disso, buscou-se uma forma de compreender os benefícios e as possíveis consequências de uma educação bilíngue no século XXI, bem como a socialização e construção da identidade da criança através de observações e entrevistas. Conclui-se que a adição de mais de uma língua em seu processo, não a prejudica, nem acarreta retardos em seu desenvolvimento cognitivo, motor e social.

**Palavras chave:** bilinguismo, alfabetização e construção.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PARTE I	7
MEMORIAL ACADÊMICO	7
PARTE II – MONOGRAFIA – ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE NO SÉCULO XXI	18
1 CAPÍTULO 1 – ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E BILINGUISMO	18
1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	19
1.2 BILINGUISMO	22
1.3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE	25
2 CAPÍTULO 2 - EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA DO ENSINO DA SEGUNDA LÍNGUA	30
2.1 O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA	31
2.2 OS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA	32
2.3 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA	33
2.4 POR QUE COLOCAR SEU FILHO EM UMA INSTITUIÇÃO BILÍNGUE?	34
A OPINIÃO DOS PAIS (ENTREVISTA)	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
PARTE III - PERSPECTIVAS PARA O FUTURO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é um pré-requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Marise Salles Carvalho tem como objetivo apresentar a alfabetização em um contexto bilíngue e suas contribuições no espaço escolar.

O trabalho se divide em três partes de acordo com as normas acadêmicas. A primeira parte é o memorial acadêmico, onde relato minha vida neste âmbito desde suas primícias até a conclusão desta importante etapa, mostrando o momento da minha trajetória onde observei a necessidade de explicar sobre a alfabetização no contexto bilíngue.

A segunda parte trata-se do relato de experiência com aporte teórico e metodológico, no qual abordo os principais autores acerca do tema, demonstrando questões ligadas à alfabetização bilíngue e ao bilinguismo em si. Neste contexto foram observadas as relações e influências de duas línguas, português e inglês, durante o processo de alfabetização, durante um ano em uma turma na qual eu fui auxiliar de classe, e finalizo o capítulo com algumas considerações.

Na terceira parte apresento minhas perspectivas e aspirações pessoais e profissionais como Pedagoga, tais como, na área de trabalho e no meu interesse na formação continuada.

## **PARTE I**

### **MEMORIAL ACADÊMICO**

Sou Renata Farias Cortez, nascida em Brasília, no dia 26 de Setembro de 1990, filha de Marly Ferreira Farias Silva Cortez e Gilvandi Soares Cortez, ambos sendo nascidos, também, em Brasília e me fazendo ser parte da segunda geração de brasilienses.

Meu pai é contador e minha mãe pedagoga. Sou a mais velha de três irmãos. Sempre tivemos muito estímulo quanto ao estudo e educação, meus pais sempre reconheceram isso como fundamental na vida de um ser humano. Como minha mãe sempre trabalhou em escolas, sempre nos incentivou bastante a ler, assim como ela. Tive uma infância ótima, típica de uma criança dos anos 90, com brincadeiras na rua, finais de semana na casa da vovó e cercada de primos. Estudei durante uma boa parte da minha vida em um colégio católico, com alguns amigos, mas foi no Ensino Fundamental II, quando passei a estudar na Rede Pública, que descobri as verdadeiras amizades e alguns valores mais.

A minha trajetória escolar se inicia aos três anos de idade e meio, em Sobradinho – DF, Região Administrativa do Distrito Federal. Foi em Sobradinho onde vivi a maior parte da minha vida, é onde, apesar de não mais morar lá, me sinto verdadeiramente em casa, conheço aquela cidade como a palma da minha mão, suas ruas, comércio, atalhos e muitas, mas, muitas lembranças.

Comecei o Maternal no turno vespertino no colégio Instituto São José, escola ligada a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade – CIANSP. Minha primeira e inesquecível professora, atendia pelo nome de Lourinete, ou Tia Lourinete, onde até hoje, esporadicamente, posso encontrá-la em nossa pequena cidade, que é sempre uma alegria.

Não é difícil me lembrar dos meus professores até a 4ª série, embora em sua maioria, as mulheres prevaleçam. Foram momentos muito bons, tive uma infância ótima, repleto de primos, tios, uma família maravilhosa. E a escola, por sempre ser gravada em fotografias, também fez parte de momentos muito bons na minha vida.



Lá no Instituto, as séries iniciais possuíam com a seguinte nomenclatura: Maternal, 1º, 2º e 3º períodos, antes de adentrar à 1ª série do Ensino Fundamental. Sendo o 3º período da época, conhecido atualmente como 1º ano do Ensino Fundamental hoje, somente para nos localizarmos.

No 1º Período, fui recebida pela “Tia Izabel”, ano de trabalhos feitos, fazendo bolinhas com papel de seda, contornar o pontilhado da inicial do nome, parque, dia de brinquedo e dia de piscina. Consigo me lembrar de tudo isso por fotos e também, daquilo que minha mãe, durante alguns anos guardou. Era uma ótima professora!

Do 2º Período não tenho tanto o que falar. É uma fase onde não consigo me lembrar do que aconteceu e nem o nome da professora. Acredito que não houve acontecimentos que fossem tão marcantes, pois já no 3º Período, com a “Tia Andréia”, tenho lembranças tão reais que parecem que foram vividas há poucas semanas. Essa foi a época em que estava realmente envolvida na alfabetização, era um pré início. Tínhamos um caderno de caligrafia que eu adorava usar! É incrível a facilidade que tenho para me lembrar, não só dos livros e cadernos que eram usados, mas também, dos comandos, das questões que eles traziam. Acho que foi o ano que eu mais ardei e efetuei operações.

Esse é um colégio católico, tínhamos aulas de religião, as freiras conheciam tanto eu, meus irmãos e primos, que estudavam lá, como nossa família. Até hoje tenho primos que ainda estudam nessa escola, é bastante conhecida em Sobradinho, com boas referências.

Como estudei boa parte da minha vida escolar no Instituto, gostava muito de lá. A primeira vez que a minha mãe cogitou me tirar e me levou pra conhecer um outro colégio, foi totalmente sem sucesso, porque eu chorei muito, inclusive para entrar na nova escola. Então meus pais decidiram por me manter lá.

A 2ª série foi uma série marcante, foi onde até hoje sou traumatizada por perguntar em público ou dirigir alguma pergunta a um professor no meio da aula. Tive uma professora nem tão carinhosa assim, que não me tratava bem, não só a mim, mas fazia com que os alunos não se sentisse a vontade, humilhava quando perguntávamos algo, principalmente, se fosse óbvio pra ela.

Foi um trauma que carrego até hoje. Em compensação, a professora Liliane na 4ª série foi um sonho. Super animada, engraçada e ótima professora! Aprendíamos fácil com ela, seu jeito de ser e o seu ânimo, transparecendo que ela realmente gostava daquilo que estava fazendo. Fazia da sala de aula um ambiente menos temeroso e mais aconchegante.

Na 4ª série também tive um professor maravilhoso, de inglês. Seu nome era Gustavo e tinha acabado de voltar de uma temporada que passara morando nos Estados Unidos. Nunca tive muitas dificuldades em aprender outros idiomas e o inglês sempre me encantou, e com esse professor tudo ficou mais divertido, e a partir daí, arranhando no inglês e, como muitas crianças dos anos 90, cresci assistindo aos incríveis clássicos da Disney, e então, começou a surgir a minha vontade em conhecer o *“American way of life”*.

As 5ª e 6ª séries, foram bem difíceis. De excelente aluna passei a ser boa, muitas matérias, diversos professores, tudo muito novo e muito pesado, também. Nessa mesma época, também começamos a passar por alguns problemas financeiros na minha casa. Meu pai não ia muito bem no escritório e isso acabou afetando também, a sua saúde, fazendo com que minha mãe e ele passassem a ter preocupações maiores quanto a isso, claro. Assim sendo, em 2004, na 7ª série, meus irmãos e eu, somos transferidos para uma escola pública. Foi um baque para nós todos, lembro de como achamos estranhos ir para um colégio, que em plenas férias estava bagunçado, com cadeiras velhas. Por incrível que pareça, aquilo tudo era novo para nós, as diferenças entre escolas públicas e privadas, hoje no Brasil, são retratos de mundos totalmente distintos.

E em fevereiro de 2004 se inicia essa nova jornada. Digo nova, porque foram tantas mudanças, em todos os aspectos. Logo de início, lembro de achar um absurdo o fato de professores, faltarem com frequência, e com isso, fazer com outros professores que iriam dar aula aquele dia também, adiantassem suas aulas por meio de uma atividade, um trabalho, uma leitura, ou algo do tipo, mas nada que se comparasse a uma aula de fato, com professor, aluno, explicações, participações e todos os instrumentos que possam fazer parte deste momento.

Mas isso foi, como todo início, a parte mais difícil desse novo mundo. Com os amigos, as coisas começam a fazer mais sentido, e foi mais ou menos isso o que aconteceu, foi o que de melhor levei. As aulas eram sempre assim, às vezes tinham todas as aulas da grade, mas na maioria das vezes, não. Senti essa diferença no Ensino Médio que abordarei logo a seguir.

E 2004 começou e terminou com chave de ouro, trouxe não somente a mim mas para minha irmã, que estava na mesma escola, amigos que até hoje, mesmo depois de 10 anos, ainda temos contato. É incrível refletir que a escola que amávamos, não levamos de lá quase nenhum amigo e da outra, que nem sequer queríamos perto, foi a que nos deixou as melhores lembranças diante disso. Sobre as matérias foi uma parte tranquila de se passar, uma vez que muito do que víamos naquele ano e no subsequente foram coisas já mencionadas na escola anterior, não tivemos tantas dificuldades, eu, mais ainda, que estava prestes a terminar o Ensino Fundamental II.

Em 2006 comecei o Ensino Médio no famoso “Ginásio”, em Sobradinho. Colégio em que meu pai e tios estudaram quando mais novos. É um ícone, ou melhor, já foi. Tudo era novidade, quando se está no Ensino Médio então. Tudo começa a cheirar liberdade, um pouco de independência, percebe-se realmente que se está crescendo, apesar de que na realidade não seja bem isso.

Meu 1º ano do Ensino Médio estudei em dois colégios e aconteceu algo muito engraçado quanto a matéria de Matemática. Comecei no Ginásio nos primeiros seis meses do ano, com todas as disciplinas comuns da série, e o conteúdo de Matemática começou com: Funções, Função Linear, Função Quadrática, Inequação e Geometria. Algumas coisas, tais como: Sequências, Progressões e Função Logarítmica seriam assuntos abordados nos 3º e 4º bimestres. Acontece que no frenesi do Ensino Médio, podendo fazer estágios, afinal já tinha 16 anos, uma amiga e eu resolvemos nos inscrever em um programa de Jovem Aprendiz da Caixa Econômica Federal. Eram 4 horas de estágios, com uma remuneração de R\$350,00 (e como isso era tanto dinheiro pra gente!), vale transporte e ticket-refeição. Era ótimo isso, uma diversão só, ter aquele dinheiro só pra mim e poder administrá-lo da melhor forma, é um ótimo aprendizado para qualquer adolescente.

Com tudo isso, em julho, me mudei para um colégio, na Asa Norte, onde ficaria mais perto pra eu conciliar a escola e o estágio, e realmente foi. Nunca aprendi a me virar sozinha na rua como naquele ano. Tinha de tomar vários ônibus, pois saía de manhã até o Setor Bancário Sul, almoçava no Setor Comercial Sul e então tomava um outro ônibus, da W3 Sul a L2 Norte, e depois da tarde no colégio, a noite comecei a fazer um cursinho Pré-Pas, como eu disse, tudo naquele ano era novidade, então alguns amigos da antiga escola e eu, sempre nos encontrávamos à noite no cursinho.

O que de mais engraçado aconteceu, como eu já havia mencionado, foi que o conteúdo programático de Matemática do do 1º Ano do Ensino Médio era o mesmo nas duas escolas, claro, só que eles inverteram a forma como iriam abordar nos semestres, então, tudo que eu estudei no primeiro semestre era o que seria abordado no segundo semestre na nova escola. Resultado, Função Logarítmica, em especial, eu nunca aprendi direito.

O ano de 2006 há de ter sido um dos melhores anos, até hoje, foram muitas experiências, aprendizados, namoros, foi um ano ótimo. Quando meus pais confiaram em mim para que eu pudesse, sozinha, desbravar Brasília o dia todo com as minhas obrigações. E no meio de todo esse caminho, surgiu também, muitas lições de vida, coisas que a escola não ensina e os seus pais não te contam, coisas que aprendemos sozinhos na vida e que nos tornam seres humanos melhores.

Aos 17, cursei o 2º ano do Ensino Médio. Nunca reprovei em nenhuma série mas em 2007, temi muito por isso. Confesso que as exatas nunca foram minha paixão, mas nem por isso deixei uma vez sequer de estudá-las, afinal fazia e ainda faz parte do currículo. Mas no 2º ano, passei alguns apuros na matéria de Química. Talvez porque no 1º ano tive duas excelentes professoras, e digo excelentes, indo além do profissional, pois como pessoas, eram ótimas, também, super humanas. Quando começou o ano, já sabia da fama desta professora, mas encarei, não havia o que fazer e sempre pensava “é só estudar”. Mas foi bem mais árduo que isso.

Na época eu namorava, gostava muito de sair, de aproveitar aquela fase, de “cabular” aula às vezes, pois eu tinha uma auto-confiança incrível, acreditava que, por nunca ter tido problemas acadêmicos, me safaria daquela

vez também. Mas como eu disse, a vida ensina e os meus pais nunca aceitaram que reprovássemos ou ficássemos de recuperação, afinal, a única obrigação que tínhamos era de estudar, e o estágio, que eu fazia por vontade própria, eu também não queria largar.

Então, 3º bimestre começou e eu junto dele correndo contra o tempo com a matéria. A Química, que eu sempre via linda e cheia de mistérios, estava se tornando um pesadelo. Pensava “ela só serve pra estragar a beleza que tem nas coisas. Por que a cerveja espuma? Por que o arco íris se forma?...Vamos descobrir!” e tantos outros questionamentos que se passam despercebidos no nosso dia a dia, mas que quase somente a Química responde.

Foi difícil, mas cadeias carbônicas e nomenclaturas são assuntos, que hoje em dia, já não me aterrorizam tanto, mas que me causou um certo desespero na época.

Terminei o Ensino Médio em meados de dezembro de 2008. Um ano difícil numa adolescência libiana, conturbada e cheia de dúvidas. Talvez por isso, o ano havia passado bem lento, a minha vontade de que ele acabasse era maior. Mas foi o ano em que eu completei os tão esperados 18 anos, e dei uma festa a altura. Junto com uma amiga, a mesma do estágio, fizemos uma festa inesquecível para aquele momento.

Na escola mesmo, algumas coisas marcavam os veteranos do colégio: A Semana de Arte Moderna, em que era feita uma exposição, em que as turmas, com seus trabalhos coordenados por um professor representante daquele grupo, expunha para a visita de pais, colegas e professores; as Vanguardas Européias, o mais esperados dos eventos, onde cada corrente vanguardista que mais influenciou o fazer literário no Brasil era representada pelos alunos dos 3ºs anos em forma de peças teatrais, sempre fora bem vistas as peças, chegando a vir alunos de outras escolas, professores e coordenadores para assisti-las, e todos queriam chegar ao último ano para também atuar, fazer parte dessa tradição.

Mas um incidente havia acontecido no ano anterior ao meu, fazendo com que as Vanguardas fossem extintas da programação de Artes na escola. A peça de um determinado grupo simplesmente matou, no teatro da escola, uma galinha para representação. Motivo suficiente para o alvo de críticas e então,

sua abolição. Não participei das tão queridas Vanguardas, mas o novo projeto de Artes envolvia peças de músicas brasileiras. Fazer Eduardo e Mônica num contexto de tempo, desde sua juventude até o término de suas vidas foi incrível. Um grupo formado por alguns amigos e eu fizemos o roteiro e encenamos, foi encantador!

Fora esses dois grandes acontecimentos, o assunto da vez na escola foi nada mais, nada menos, que o PAS, vestibular, UnB e coisas do tipo.

Eu mesma estava com outras ideias, nada daquilo era o meu foco naquele momento. Por mais que se passasse o ano inteiro falando sobre isso, ou melhor, nos últimos três anos, os professores simplesmente dão aula focados nesses três elementos que levam ao mesmo lugar. Um erro em minha opinião, afinal, são milhares de seres humanos, cada um com uma ideia, com perspectivas diferentes, a partir daquele momento de suas vidas em diante, e falar sobre apenas um assunto faz com que vários desses jovens sintam-se perdidos por não fazer parte daquela realidade.

Eu me senti, estava com a cabeça em outro lugar, queria fazer algumas coisas antes e se tinha algo que soava tão genuíno dentro de mim, naquele momento, era que eu não me sentia preparada para enfrentar uma faculdade, uma universidade logo assim de cara. O Brasil devia investir mais nesse outro lado do amadurecimento de um adolescente, entender que o mundo é bem maior que isso, que antes de começar essa nova etapa eles precisam estar mais certos com eles próprios, ter outras experiências e principalmente, algumas certezas, antes de arriscar qualquer curso e depois se sentir ainda mais deslocado.

E foi o que aconteceu comigo. Quando chegou ao final do ano, fiz o vestibular e o PAS, e pra ambos coloquei o curso de Administração como a primeira opção, tudo isso porque não tinha muita noção, muito menos certeza, de algo no dado instante. Havia escutado da minha prima mais velha que cursara Administração o simplório comentário: “Se você não sabe o que fazer, faz Administração porque abrange de tudo um pouco!”. E assim eu fiz, não passei, mas também não me preocupei muito com aquilo na época, não era algo que eu realmente estava esperando ou que quisesse muito.

E assim segui, não sabia o que realmente queria. Fazia inglês e me dediquei a terminar, e mesmo antes disso, tive o primeiro contato com algo que nunca esperei fazer, dar aula, ainda mais, para crianças!

Tinha acabado de inaugurar em Sobradinho, um curso de inglês só para crianças, a partir de 2 anos de idade. Eu não tinha nenhuma experiência naquilo, eu só ia para aulas de inglês regularmente. Eram ótimas, com professores super qualificados para o idioma e com experiências para exemplificá-los, nada mais do que isso.

Mas, eu como eu tinha começado a minha vida financeira um pouco mais cedo, estava acostumada a ter o meu dinheiro, sem precisar pedir sempre aos meus pais. Tinha acabado de sair de uma empresa, onde passei 9 meses e que me resultou em amigos. Entregando currículos, fui chamada para o processo seletivo dessa pequena escola infantil. Foram várias etapas e a cada uma que eu passava me sentia lisonjeada por nunca ter entrado numa sala de aula, mas está tirando aquilo quase que de letra. Tivemos treinamentos e uma semana antes das aulas começarem, foram me apresentadas as turmas as quais lecionaria. Eram bebês, nunca imaginara, até aquele momento, a capacidade que eles tinham, minha curiosidade aguçou-se.

Um ano depois, minha irmã passou, pelo PAS, para o curso de Pedagogia na UnB, e eu já com 21 anos, comecei a me sentir um pouco para trás diante dela, dos meus primos, que também iniciaram a faculdade e de alguns amigos. Comecei a me preocupar com aquilo, mas mesmo assim, não tinha ideia ainda sobre o que cursar. Em Março daquele ano, brigada com o namorado, disposta a arriscar a vida, fui a passeio para os Estados Unidos, onde sempre quisera estar. Comecei a conhecer o *“American Way of Life”*, como planejara há alguns anos e me embasbaquei com um lugar onde realmente achava que fosse um tanto quanto infantil e não esperava ir, acabei conhecendo, pois tinha uma criança no grupo de viagem: a Disney! É realmente mágico, e hoje indico para todos que cresceram, principalmente, com uma infância feita com seus clássicos.

Quando voltei, não me sentia preparada intelectualmente para o vestibular do meio do ano, mas rezei bastante aqueles meses, pedindo sempre muita sabedoria e fé, era o que realmente me restava. Minha irmã falava muito

bem daquele seu primeiro semestre na Universidade de Brasília, e ainda mais, sobre os professores e todo esse sonho que a FE abriga nos corações daqueles que passam por ela, de uma forma ou de outra. Uni a paixão que crescia a cada dia com aquelas aulas de inglês para crianças com a opção do vestibular, e escolhi a Pedagogia.

Graças a Deus, no dia 19 de Julho de 2011, no aniversário do meu pai, recebi a notícia da aprovação em 1ª chamada! Emocionante, até para os meus pais que sempre me cobraram passar em um concurso primeiro ao vestibular. Finalizei o ano nessa escola, na UnB e com o namorado que seria, então, meu futuro marido. Sentia que a minha vida começava a tomar um certo rumo a partir dali.

No início tive um certo receio de todo aquele mundo novo que se apresentava para mim, foi totalmente diferente do eu imaginava. Tive um recebimento caloroso dos veteranos, onde organizaram uma semana de adaptação à UnB. Foram feitas dinâmicas, brincadeiras com perguntas relacionadas ao curso, um tour pela Universidade e acredito que não só eu, mas os outros calouros também se sentiram mais confortáveis. Foi maravilhoso!

No primeiro semestre cursamos Projeto 1, disciplina ofertada pela professora Sônia Marise. É uma disciplina introdutória, onde você aprende tudo sobre o curso, sobre as áreas de atuação de um pedagogo e como funcionava tudo ali dentro.

Nos foi apresentada uma grade diferenciada. Ela nos ensinou a fazer a matrícula e como proceder para acompanhar o histórico e outras demais orientações que me ajudaram bastante. Foi de grande relevância para que eu prosseguisse com o curso, pois houve um esclarecimento geral para aquela fase, apesar de um grupo de calouros bem misto, entre gênero, idade e principalmente, histórias que os fizeram estar ali, naquele momento.

Matérias como Antropologia da Educação, Oficina Vivencial, Filosofia da Educação e História da Educação, também foram disciplinas abordadas naquele início. Tudo novo e muito empolgante para aquela turma que iniciava sua jornada acadêmica.



Desde que comecei o curso, nunca deixei de trabalhar. No começo fui pra algumas escolas, aproveitar o “título” de universitária para estagiar e aprender um pouco mais daquilo, que em alguns anos, eu estaria regendo. Passei por duas escolas até conhecer a primeira escola bilíngue em que trabalhei, uma escola canadense. Foi uma experiência incrível e apaixonante! Minha turma de *Nursery*, formada por crianças de 3 anos, onde todos ali tinham de falar em inglês, era maravilhoso. Começou a me despertar o interesse pela educação bilíngue e os benefícios que isso poderia trazer para a criança.

A partir de então, onde havia disciplinas sobre Educação Infantil e/ou que envolvia o desenvolvimento da criança, para as diversas inteligências, muito me interessava e todas eu pegava.

Iniciei o meu projeto 3, fase 1 e 2, investigando e vivenciando na prática os processos, as dificuldades e os benefícios que aquele tipo de aprendizagem acarretavam para uma criança bilíngue.

Atrelada ao estágio que depois se tornou um trabalho com carteira assinada, na escola, comecei a fazer um estágio no Superior Tribunal de Justiça, onde passei em 1º lugar nessa prova. Eram 4 horas no tribunal, estagiando no órgão oficial de formação de magistrados brasileiros, que regulamenta, autoriza e fiscaliza os cursos para ingresso, vitaliciamento e promoção na carreira, âmbito bem diferente do que eu já havia frequentado, no caso, o espaço escolar. Na ENFAM, eu era estagiária de Pedagogia, trabalhava diretamente com a Pedagoga da Escola, responsável pelos cursos oferecidos e que necessitam de enorme suporte pedagógico, uma vez que seus planejamentos são reformulados constantemente. Durante o ano de 2013, a Maple Bear, a ENFAM e a UnB eram as minhas aliadas.

As disciplinas que cursei, os projetos que fiz, me ajudaram bastante aliar a teoria e prática no curso de Pedagogia.

Dei início ao meu projeto 4, fase 1 e 2, aproveitei o espaço para refletir sobre as críticas que ainda existem acerca do acarretamento de responsabilidades que podem gerar na criança quando esta aprende mais de uma idioma desde bebê ou em idade pré-escolar. Fiz os Projetos com a professora Sônia e a cada relatório finalizado e entregue, uma nova visão da monografia começara a se concretizar, e diante disso, notei a importância de

estudar os benefícios que uma educação bilíngue traz para a vida de uma criança.

Em 2014, começo a trabalhar em uma outra instituição bilíngue, porém, com um diferencial, o catolicismo. Nunca, depois de começar a estudar sobre, me pareceu tão sensato aliar religião e educação, mas era a minha escolha, por conta do salário, naquele momento. Tinha acabado de sair de casa e esse era um fator importante quando optava por outra escola.

No Colégio Internacional Everest, onde estou até hoje, novembro/2015, trabalho com a alfabetização, totalmente diferente dos pequenos que ainda estava em suas primeiras garatujas. Como um colégio rígido e um horário americano de aulas, das 8h às 15h45, pude observar melhor o desenvolvimento das crianças no aspecto bilíngue, e ainda mais, a alfabetização deles além da língua materna, foi o que me chamou mais atenção. Trabalhando com uma ótima equipe tive uma liberdade maior para desenvolver a minha pesquisa.

Decidi que falaria sobre a educação bilíngue com enfoque na alfabetização em mais de uma língua.

Durante o curso de Pedagogia fiz diversas matérias interessantes, mas aquelas, como já citei, relacionadas à perspectiva do desenvolvimento humano e as que de alguma forma, estavam ligadas a educação infantil sempre me interessaram de uma maneira incomum, e dessa maneira, sempre no noturno, fui trilhando minha estada na tão querida Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

## **PARTE II – MONOGRAFIA – ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE NO SÉCULO XXI**

### **1 CAPÍTULO 1 – Alfabetização, letramento e bilinguismo**

O propósito desse capítulo é refletir sobre a relação entre a alfabetização, letramento e bilinguismo, na perspectiva de qualificar a relação ensino aprendizagem, com foco no ensino da segunda língua para crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I.

A partir das reflexões da minha prática pedagógica enquanto professora bilíngue dessa faixa etária percebemos que, ao se pensar na possibilidade de aquisição de uma segunda língua durante o processo de alfabetização, automaticamente, muitos pais e até educadores, tornam-se alvos de preocupações e aflições para com as suas crianças. O receio de que o bilinguismo confunda ou até mesmo, interfira no desenvolvimento cognitivo, atrapalhando a evolução de funções comuns é bem mais habitual do que o imaginado.

Ellen Bialystok (2011) aponta em seu estudo que “é necessário estabelecer se a aquisição de linguagem ocorre no mesmo ritmo e da mesma forma em crianças que aprendem simultaneamente dois idiomas ou que estão aprendendo um segundo idioma depois de terem dominado um primeiro” (p. 2). A partir dessa citação, a autora assenta que as dificuldades e habilidades que podem surgir, principalmente relacionadas a leitura e escrita, varia de criança para criança e da relação que ela tem com os dois idiomas.

O bilinguismo chega com algumas vantagens no processo de alfabetização. A rapidez de compreensão geral da leitura em crianças bilíngues é maior do que em crianças monolíngues. Não se pode totalizar, mas Bialystok, Luk e Kwan (2005) afirmam que “há uma demanda maior para que a criança compreenda melhor as especificidades da língua, porém, isso não significa necessariamente um atraso ou desfavorecimento.” Os autores prosseguem que o bilinguismo ajuda as crianças a perceberem melhor a sua língua materna, porque assim, elas têm a oportunidade de comparar uma língua a outra, além de contribuir para a aquisição da alfabetização.

Ler e escrever em duas línguas vai além. Há um envolvimento de aspectos pessoais, familiares, culturais, políticos e pedagógicos. As autoras Brisk e Harrington (2000) afirmam que os educadores têm de entender o real significado de ser bilíngue e não apenas dominar as etapas do processo de alfabetização como sendo suficiente para fazer parte de uma educação bilíngue, uma vez que o desempenho da leitura e escrita está diretamente relacionado com o desempenho oral do aluno. Então, é recomendável que a alfabetização seja realizada considerando as capacidades e competências orais da criança.

### **1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Estudiosos e pesquisadores do campo de alfabetização e letramento têm nos induzido a compreender a elaboração do pensamento do ser que aprende, ou seja, entender, como funciona o pensamento da criança quando está aprendendo a ler e escrever. De acordo com pesquisas piagetianas, o conhecimento é construído na interação do sujeito com o objeto de aprendizagem. A criança apodera-se de um conhecimento se “agir” sobre ele, pois aprender é descobrir, inventar, modificar.

Segundo Fernandes (2008), não há uma proposta de uma “nova pedagogia” ou uma “nova metodologia”, mas sim, a capacidade com que as pesquisas deixam claro que o que leva o aluno à aprendizagem do código linguístico não é o cumprimento de uma série de tarefas ou o conhecimento das letras e sílabas, mas uma compreensão e vivência de diversas situações de comunicação.

Por uma outra perspectiva, para Vygotsky (1987) a junção do pensamento e da linguagem não é inalterável, sofrendo modificações a partir das compreensões da realidade que a criança possui. Na criança, é possível perceber e assim diferenciar no seu desenvolvimento o processo de pensamento pré linguístico e um processo de fala antes do pensamento, pois nesse período ambos se relacionam. A palavra constitui o pensamento e a fala é constituída pelas ideias. Na escrita, tudo que houver sido registrado é

espontaneamente o desfecho de um longo processo de pensamento, significação de palavras e o registro delas. Erroneamente, muitos educadores fazem para a criança uma cobrança desse longo processo, esperando por algo imediato.

Ensinar a aprender, a fazer, a ser, a conviver e a desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento são objetivos exigidos cada vez mais nas escolas. São tantos imediatos que às vezes, se esquece de que o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento.

O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia [...]. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. (Parâmetros Curriculares Nacionais)

O que é realizado na escola sobre a apropriação da língua materna dá-se pelo ato de ensinar aos alunos códigos de leitura e escrita, relacionando os sons às letras, desde que haja um engajamento da escola em tornar os estudantes da educação básica em seres capazes de compreender o significado dessa aprendizagem, uma vez que não se formarão cidadãos aptos a utilizar o conhecimento adquirido, de forma que atenda às exigências da sociedade. Em outras palavras, o letramento depende-se assimilar a natureza e características do sistema de escrita da língua.

Dessa forma, o indivíduo torna-se capaz de instruir-se por meio da leitura e de selecionar entre muitas informações, aquela que realmente for relevante ao contexto. A prática e costume constantes do ler e escrever, até mesmo do início da Educação Infantil, qualificará o aluno a compreender textos de diferentes disciplinas e a interpretar situações-problemas.

Fernandes (2008) colabora com o professor quando cita tipos de atividades que poderão ser propiciados aos alunos para que fique claro, como por exemplo: o uso da linguagem oral e escrita e a reflexão linguística; práticas de interpretação e produção de textos; análise da heterogeneidade de gêneros próprios da oralidade e da escrita; e consideração das diferentes formas de

manifestação da linguagem – oral, gestual, visual – através de imagens, de expressão corporal e de representações artísticas ou plásticas.

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o educador de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como evolui o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições esse educador terá de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem sofrimentos habituais.

Sem dúvidas este é o momento mais importante da formação escolar de um indivíduo, assim como a criação da escrita foi um marco para a História da humanidade. Alfabetizar é ensinar a ler, escrever, reconhecer códigos e os símbolos gráficos da linguagem verbal. Ferreiro (1998) afirma “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto, onde a leitura e a escrita tenha um sentido e que faça parte da vida do aluno.” Essas definições também são apresentadas por Soares (2001), quando ela ratifica o alfabetizar como sendo a ação de ensinar a ler e escrever, “é tomar o indivíduo capaz de ler e escrever. Alfabetização é a ação de alfabetizar. Letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”.

Desse modo, ser e está alfabetizado faz do alfabetizando um empreendedor de esforços, apto a dominar a leitura e a escrita e melhorando assim a comunicação entre os sujeitos e, conseqüentemente, o seu nível e qualidade de vida. A escrita, por sua vez, é algo que o ser humano está envolvido desde sua tenra idade e conforme é o contexto sociocultural que o circunde, esse aprendizado se efetiva de acordo com determinados padrões. Sobre isso Ferreiro (1999, p. 23) afirma que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (p.23).

Sendo assim, o ambiente mais apropriado para que ocorra tal processo é a escola, dado que a necessidade de vivência das relações pessoais e interpessoais é fundamental na construção do sujeito, enquanto integrante de uma sociedade.

A partir desse referencial teórico, que nos ajuda a refletir a própria prática pedagógica, vamos apresentar a experiência pedagógica com o ensino da segunda língua do 1º ano do Ensino Fundamental no Capítulo 2 desse trabalho.

## **1.2 BILINGUISMO**

Tratar de bilinguismo e também de educação bilíngue pode ser complexo ao se definirem.

A princípio, quando se tenta conceituar bilinguismo não parece ser uma tarefa difícil. O dicionário Oxford (2000) bilíngue é definido como: “ser capaz de falar duas línguas igualmente bem porque as utiliza desde muito jovem”.

Uma definição popular assemelha-se a essa ao passo que Bloomfield, o fundador da linguística estrutural norte-americana, concorda quando define o bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas.”.

Contrastando-se a essa visão, Macnamara apresenta que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa”. Destarte, pode-se observar logo de início quão ampla pode ser a definição de bilinguismo, uma vez que outras significações a serem observadas corroboram ao fato da complexidade do termo, pois para Titone, ser bilíngue é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 apud HARMERS e BLANC, 2000:7).

Apesar das designações propostas, é comum entender simploriamente como bilíngue o indivíduo que fala duas línguas. Se assim é, um indivíduo que entende perfeitamente uma segunda língua, mas não possui habilidade suficiente para nela se expressar oralmente também pode se classificar como

bilíngue? E um indivíduo que fala a segunda língua, mas não a escreve? Pode-se conceituar estes indivíduos bilíngues? (BARKER e PRYS, 1998 apud LI WEI, 2000).

De certa forma, o termo bilíngue pode ser interpretado como aquele que tem uma certa noção, certo conceito de uma língua além de sua materna, a dúvida está alarmada para o lado de graus de proficiência, é possível afirmar que exista entre esses indivíduos?

Mackey (2000) estabelece que, para clarear as dúvidas que por ventura surgirão acerca do termo, torna-se necessário a consideração dos seguintes pontos:

- o primeiro ponto em questão diz respeito ao grau de proficiência, ou seja, a ciência do indivíduo sobre as línguas em questão precisará ser avaliada, não sendo obrigatório que o conhecimento dessas línguas, sejam equivalentes em todos os níveis linguísticos. Por exemplo, é válido que o indivíduo possa apresentar amplo vocabulário em uma das línguas, mas possuir pronúncia deficiente;

- o segundo ponto, releva as situações que o indivíduo faz o uso das duas línguas, ou seja, a função e o uso delas;

- o próximo ponto, Mackey destaca a importância de se estudar a frequência a qual o indivíduo alterna de uma língua para outra;

- e, por último, mas não menos importante, o fenômeno conhecido por interferência não deve ser despercebido neste estudo para a classificação do bilinguismo bem como a influência de uma língua sobre a outra.

Não se deve ignorar a realidade do bilinguismo como um fenômeno multidimensional e assim, ele deve ser investigado. Então, analisar as dimensões propostas por Harmers e Blanc para defini-lo é primordial, por exemplo: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição e presença ou não de indivíduos falantes da segunda língua no ambiente em questão. Partindo dos pressupostos apresentados, elucida-se da seguinte maneira de acordo com os estudiosos:

- 1 - Competência relativa: prioriza a relação entre as duas competências linguísticas, trazendo a definição dos termos, bilinguismo balanceado e bilinguismo dominante. Sendo o primeiro, o indivíduo que possui capacidade



linguística equivalente em ambas as línguas, não significando que este possua um grau maior de competência linguística mas sim que em ambas ele atinja um grau de competência equivalente, não importando qual. Diferentemente desse, o indivíduo que se classifique como bilíngue dominante possui competência maior em uma das línguas em questão, geralmente na língua nativa.

2- Organização cognitiva – transparece os conceitos de bilinguismo composto e bilinguismo coordenado. Sendo bilíngue composto aqueles que apresentarem somente uma representação cognitiva para duas traduções equivalentes. Reverso a isso, aqueles que obtiverem representações distintas para duas traduções equivalentes será classificado como bilíngue coordenado. Ressalta-se que um indivíduo bilíngue pode ser coordenado para alguns aspectos e mais composto para outros, ao mesmo tempo. Mesmo havendo a ligação entre a sistematização cognitiva, idade e contexto de aquisição, não há referência direta entre a forma de representação cognitiva e idade de aquisição da língua. É claro, porém, que aqueles que tiverem a oportunidade de aprender duas línguas quando criança no mesmo contexto, provavelmente apresentará uma única representação cognitiva para duas traduções equivalentes, ao contrário de quem aprendeu a segunda língua em um contexto diferenciado da sua língua materna pode apresentar representações distintas para duas traduções equivalentes.

3- A idade da aprendizagem das línguas é considerada de extrema importância, uma vez que interfere em diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo bilíngue, como: o desenvolvimento cognitivo, linguístico, neuropsicológico e sociocultural. Consoante a idade de aquisição da segunda língua, acontece o bilinguismo infantil, que ocorre simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo, o adolescente ou adulto. Na primeira infância da criança, o bilinguismo infantil se divide em dois grupos: simultâneo e consecutivo. No bilinguismo simultâneo, a criança fica em evidência com a segunda língua desde o nascimento, conseqüentemente adquirindo as duas línguas ao mesmo tempo, no bilinguismo consecutivo, a criança apreende a segunda língua ainda na infância, mas somente após ter adquirido as bases linguísticas de sua língua materna. O bilinguismo adolescente é o fenômeno onde a aquisição da segunda língua ocorre durante o período da adolescência,

assim como o chamado bilinguismo adulto, onde a aquisição da segunda língua que ocorre durante a idade adulta.

4- Ainda conforme Harmers e Blanc, a existência ou não de indivíduos falantes da segunda língua no ambiente social da criança que está adquirindo esta língua, haverá o bilinguismo endógeno e exógeno, em ambos os casos as duas línguas, tanto materna como a segunda, serão consideradas nativas, porém no primeiro caso a comunidade poderá desfrutar da segunda com propósitos institucionais, diferente do bilinguismo exógeno.

As concepções multidimensionais são fundamentadas nas teorias de comportamento linguístico além de considerar noções advindas de várias disciplinas: psicologia, sociologia, linguística e sociolinguística. O bilinguismo é um fenômeno intrincado e deve ser estudado como tal, considerando análises: individual, inter pessoal, inter grupal e social.

Finalizamos essa etapa considerando que, para classificar indivíduos como bilíngues ou não, necessitam ser apresentadas as grandezas analisadas para tal classificação, pois assim facilita o entendimento não só de quem participa das análises e até mesmo do todo envolvido.

### **1.3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE**

O conceito de educação bilíngue varia entre países, contextos sociais e étnicos da própria massa de educadores e legisladores dos países que a adotam. Mackey (1972) adverte o seguinte fato:

Escolas no Reino Unido nas quais metade das matérias escolares é ensinada em inglês são denominadas escolas bilíngues. Escolas no Canadá em que todas as matérias são ensinadas em inglês para crianças franco-canadenses são denominadas bilíngues. Escolas na União Soviética em que todas as matérias exceto o Russo são ensinadas em inglês são escolas bilíngues, assim como escolas nas quais algumas matérias são ensinadas em georgiano e o restante em russo. Escolas nos Estados Unidos nas quais o inglês é ensinado como segunda língua são chamadas escolas bilíngues, assim como escolas paroquiais e até mesmo escolas étnicas de final de semana... [Consequentemente] o conceito de escola bilíngue tem sido utilizado sem qualificação para cobrir tamanha

variedade de usos de duas línguas na educação.(MACKEY, 1972, apud GROSJEAN, F. 1982:213).

Mackey (1972) sugere programas educacionais bilíngues, envolvendo desde uma educação monolíngue regular na língua materna da população de minoria linguística, à educação bilíngue e monolíngue na língua da população dominante. (MACKEY, 1972, apud GROSJEAN, F. 1982:208).

Dentro de uma perspectiva sociolinguística, fatores como: intensidade, objetivo e status, auxiliarão para uma definição de educação bilíngue.

Quando tratamos de intensidade, Fishman e Lovas (1970) trazem suportes teóricos para esses elementos. São identificados quatro diferentes programas bilíngues no quesito intensidade: o bilinguismo transicional, onde a língua materna é usada apenas como objeto facilitador na transição para a segunda língua; o bilinguismo mono – letrado, onde ambas as línguas são usadas durante todo o período dentro da escola, porém, a criança é alfabetizada somente na segunda língua; o bilinguismo parcial bi-letrado, quando as duas línguas são usadas escrita e oralmente, ressaltando que as disciplinas são divididas de maneira que as chamadas “matérias – culturais” são lecionadas na língua materna; e por fim, o bilinguismo total bi-letrado, onde todas as habilidades são desenvolvidas nas duas línguas em todos os campos de domínio.

Agora, sob o quesito: objetivo, os sóciolinguistas dividem também a educação bilíngue em três diferentes programas. O programa compensatório é aquele em que a criança é ensinada primeiramente na sua língua materna, para que sua integração com o contexto melhor aconteça da melhor forma possível. O segundo programa é o de enriquecimento. Nele, ambas as línguas são desenvolvidas desde o início na classe de alfabetização e são utilizadas como meio de instrução de conteúdos. O terceiro programa é o de manutenção, no qual a língua e a cultura das crianças pertencentes ao grupo minoritário são preservadas e aprimoradas.

A terceira categoria, status, compreende quatro dimensões:

- Língua de importância primária X Língua de importância secundária na educação.

- Língua de casa X Língua da escola.

- Contraste entre a língua mais importante no mundo e a língua de menor importância.

- Língua institucionalizada X Língua não institucionalizada na comunidade.

De acordo com Fishman (1977), sobre predisposição de sucesso da educação bilíngue, algumas dessas combinações são mais certas do que outras. (FISHMAN e LOVAS, 1970, apud HARMERS e BLANC, 2000:189).

Prosseguindo com Harmers e Blanc, que retratam a educação bilíngue como

Qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas. Harmers e Blanc (2000:189)

É cabível destacar que Harmers e Blanc não compreendem como a educação bilíngue em programas nos quais a segunda língua é ensinada como matéria, não é utilizada para fins acadêmicos.

Em geral, a educação bilíngue acaba sendo dividida entre um grupo dominante e um outro minoritário, entendendo o primeiro como uma classe constituída de indivíduos privilegiados financeiramente, e o segundo grupo sendo comunidades socialmente desprovidas de tal recurso. Infelizmente, a educação bilíngue no contexto do século XXI, é imperada por uma elite, as quais objetivam o aprendizado de um novo idioma, o conhecimento de outras culturas e a habilitação para completar os estudos no exterior.

De acordo com Harmers e Blanc (2000) escolas internacionais multilíngues apresentam uma metodologia diferenciada e combinam duas, três ou quatro línguas no programa educacional. Além disso, Harmers e Blanc (2000) salientam que poucas pesquisas foram até então, conduzidas com o intuito de investigar as consequências da educação bilíngue em escolas internacionais multilíngues, não sendo assim, possível concluir no momento, se o sucesso dessas escolas deve ser atribuído a seu aspecto multilíngue ou a seu caráter elitista.

O outro modelo de educação bilíngue descrito por Harmers e Blanc (2000) é denominado imersão. De acordo com eles, imersão significa simplesmente que um grupo de crianças falantes de uma certa língua nativa recebe toda ou parte da instrução escolar através de uma segunda língua. Grosjean (1982) afirma que em programas de imersão, embora as crianças sejam primeiramente instruídas em uma segunda língua, a língua nativa da criança é introduzida no contexto escolar gradativamente até tornar-se um segundo meio de instrução. Harmers e Blanc esclarecem que os programas de imersão estão baseados em duas hipóteses. A primeira delas, é que a segunda língua é aprendida de modo equivalente ao aprendizado da língua nativa e a segunda hipótese, é a de que a língua é aprendida de modo mais eficaz em um contexto estimulante, que aprimore as funções da língua, expondo as crianças a formas naturais da mesma.

Ainda de acordo com Harmers e Blanc (2000), existem três tipos de imersão. O primeiro deles, denominado Imersão Inicial Total, estabelece que toda a instrução dada antes da escola infantil (no Brasil: pré-primário, jardim da infância e maternal) deve ser realizada na segunda língua, o que acontece também, nos primeiros dois anos da educação primária, quando as crianças são alfabetizadas nesta segunda língua. A língua materna é introduzida gradualmente a partir, aproximadamente, do terceiro ano primário, até que o tempo destinado à instrução na segunda língua, seja equivalente ao tempo destinado a língua materna. O segundo tipo de imersão é conhecido como Imersão Inicial Parcial e difere do primeiro tipo descrito acima, porque as duas línguas são utilizadas como meio de instrução desde o início da vida escolar. Nesse tipo de imersão, o uso relativo de ambas as línguas varia de programa para programa. O terceiro tipo é a Imersão Tardia, designada a alunos do Ensino Médio que receberam, até o momento, instrução tradicional na segunda língua. No primeiro ano do Ensino Médio, 85% das aulas são ministradas na segunda língua e durante os anos seguintes, o aluno pode escolher e freqüentar 40% das aulas ministradas na segunda língua.

A segunda parte deste estudo tratou de questões relacionadas ao planejamento da educação bilíngue e as possíveis consequências destas para as crianças. Como Harmers e Blanc (2000) afirmam, a educação bilíngue é

determinada por fatores históricos, sociais, ideológicos, psicológicos e variadas relações de poder. Todos estes fatores devem ser levados em consideração quando se decide pelo modelo ou programa em educação bilíngue.

Ainda segundo Harmers e Blanc (2000), o fator mais importante na experiência bilíngue é que ambas as línguas devem ser igualmente valorizadas. Como isto será realizado, deve ser estudado por aqueles que planejam a educação bilíngue. Uma outra questão que deve ser levada em consideração ao se planejar a educação bilíngue é a definição dos objetivos, de acordo com o programa que será seguido, e como estes serão alcançados.

## **2 CAPÍTULO 2 - Experiência como professora do ensino da segunda língua**

Este capítulo registra a trajetória da minha experiência como professora de inglês/português para crianças, associada a qualificação dessa formação no curso de Pedagogia. Complementamos com a reflexão de uma entrevista com dois casais, pais de alunos de uma escola bilíngue em Brasília – DF.

O relato de experiência é baseado em uma observação participante, que se deu no período de um ano, onde realizei o projeto 4, fase 2 e o Projeto 5.

O método de observação participante tem origem na antropologia e na sociologia e é geralmente, utilizada na coleta de dados de situações em que as pessoas se encontram, desenvolvendo atividades em seus cenários naturais, permitindo examinar a realidade social (Holloway e Wheeler, 1996).

Nesta pesquisa, foi adotada a definição de Becker (1994), entendendo que o pesquisador coleta dados, participando do grupo ou organização, observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida cotidiana.

Segundo Becker (1994 p. 47), o observador participante coleta dados através da participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes dessa situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.

## 2.1 O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

O Colégio Internacional Everest<sup>1</sup> faz parte de uma rede internacional de colégios, com mais de 60 anos de experiência implementando o modelo de Formação Integral, desenvolvido pelos Legionários de Cristo, em 18 países.

A rede tem o objetivo de formar pessoas e famílias íntegras, líderes positivos que impulsionam e defendem ações de justiça e amor, firmes em seus princípios cristãos, além de oferecer o apoio necessário para o desenvolvimento de autênticas famílias católicas.

Tem como lema “SEMPER ALTIUS”, que em latim significa “SEMPRE MAIS ALTO”, e indica exatamente a aspiração para que os alunos dos colégios Everest alcancem, a cada dia, o máximo desenvolvimento integral possível.

Apesar do colégio já existir em outros lugares do Brasil há vários anos, somente em 2013 ele chegou em Brasília. No primeiro ano, com menos de 100 alunos e hoje, em 2015, conta com 532 estudantes.

Quando ele foi inaugurado, eu estava trabalhando em um outro colégio bilíngue, e mesmo com a oportunidade de trabalhar no Everest, preferi me conter na outra instituição por conta da religião. Apesar de ter estudado em colégio católico, ter feito Primeira Comunhão e Crisma, com as leituras que tive durante o curso de Pedagogia, acredito que não há tantas razões, como antigamente, para se misturar religião e educação.

Mas estágios para a área de Pedagogia não pagam lá essas coisas e como eu, desde o meu primeiro estágio, sempre conciliei trabalho e estudo, optei pelo que me ofereceu uma melhor renda, e então, em Janeiro de 2014 comecei a trabalhar no Everest.

No início não fiquei muito animada em saber que a minha turma seria a de 1º ano, estava acostumada com os menores, com no máximo 3, mas aos poucos fui me adaptando. A professora, que hoje é muito minha amiga, foi super receptiva e paciente em me ensinar aquele universo que a princípio, não era tão familiar quanto a educação infantil. Em um ano aprendi tanto, me apaixonei pela alfabetização, pelo Cagliari, pela Emilia Ferrero, revivi o Rubem Alves que há tempos não lia, foi ótimo, hoje me identifico ainda mais com eles.

---

<sup>1</sup> Localizado na QI 19 Chácara 18 – Lago Sul, Brasília – DF.



Esse é o meu segundo ano com uma outra turma de 1º ano e está sendo ainda melhor, pois já internalizei muitas coisas, pude repensar e refazer outras.

## 2.2 OS SUJEITOS DA EXPERIÊNCIA

O 1º ano do Ensino Fundamental é essencial na vida de uma criança, estão numa fase ainda de descobrimentos, influenciam e são influenciados, e quando estão no meio acadêmico, tudo isso ocorre com muito mais frequência.

É nesta fase em que os vínculos e as relações entre as crianças tendem a se consolidar. As preferências entre elas são claras e a ação da professora está em explicitar que as parcerias podem e devem se modificar, dependendo do objetivo que se quer alcançar. Assim, busca-se quebrar fixações ou dependências, construindo relações que considerem o tipo de tarefa a ser realizada: uma dupla pode ser produtiva para realizar atividades plásticas, mas não funcionar bem nas de escrita de texto, por exemplo.

As crianças já permanecem no espaço escolar, na maioria dos casos, observando as regras de boa convivência e interagindo de forma organizada com menor auxílio do adulto. Transitam pelo espaço da escola com desenvoltura e consideram as opiniões ou ideias da professora muito importantes.

Mais confiantes em suas capacidades para aprender, começam a ter os primeiros contatos com as condutas requeridas a um estudante: organização, empenho, cuidado com o seu material, atenção às orientações da professora, estratégias de resolução e verificação.

No colégio em que trabalho, por exemplo, fazemos 4 planejamentos: anual, mensal, semanal e diário. Pela manhã, eles tem *English* e *Science Class*. A gramática da língua inglesa e a matéria de Ciências são lecionadas em inglês, bem como as atividades e provas feitas, das 8h da manhã às 11h30. Nesse espaço de tempo, eles tem também 30 minutos para lanche e brincar no *playground*. Almoçam das 11h30 às 12h30 e logo após vão para a sala de Português, onde aprendem, além de sua língua materna, História, Geografia, Matemática e Formação Católica (com outra professora). Além dessas

disciplinas, as crianças têm aula de Computação, Música, Teatro, Artes e Educação Física. As aulas terminam, todos os dias, às 15h45.

Baseado nesses horários e aulas complementares, o planejamento é feito para que não os sobrecarreguem mentalmente, mas considerando também, a capacidade deles, onde podemos captar mais de suas inteligências. Baseado nesse critério, ainda temos dois dias que fazemos os chamados “Centros de Aprendizagens”. Consiste em dividir as cadeiras em 4 grupos de 5, por exemplo numa classe com 20 alunos, e colocar em cada um desses centros uma atividade diferente de matérias diferentes. A disposição das cadeiras é dividida de forma dinâmica, de modo que não a partir do momento em que estejam em algum grupo, tudo aquilo se torne interessante.

Notamos, principalmente ao final do ano, todo o progresso dos pequenos fazendo um planejamento atrativo e reflexivo.

### **2.3 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA**

Se antes tínhamos escolas bilíngues com seus corredores tomadas por estudantes estrangeiros, geralmente filhos de pessoas que trabalhavam em embaixadas, hoje, essa realidade modificou-se bastante. A maioria dessas escolas é composta por brasileiros, com pais brasileiros almejando uma formação mais ampla para seus filhos. Infelizmente, está longe do nosso país ter um ensino parecido e com acesso para todos, pois a classe alta ainda domina este cenário.

As falas de especialistas são de relevância surpreendente pois enfatiza os dois lados, mostra as vantagens e desvantagens de se ter uma alfabetização bilíngue e isso foi claro na saída de campo feita, algumas crianças realmente se adaptam a esse modelo, mas outras não, cada ser humano é único e os pais deviam saber respeitar esse lado.

Na escola, a rotina das crianças está bem organizada, o 1º ano, turma a qual fui auxiliar durante o ano, tem suas aulas de Ciências e Inglês no programa de Inglês, pela manhã, das 8h às 11h30min. Dentro desse período, eles tem 30 minutos de lanche e *playground*. Das 11h30min às 12h30min eles almoçam e brincam por um prazo maior dessa vez. 12h30min começa o

Programa de Português, abrangendo disciplinas como Português, Matemática, História, Geografia, Virtudes, e Formação Católica, divididas em uma grade horária. Além dessas, as disciplinas extracurriculares (Artes, Computação e Educação Física) são ministradas tanto em português como em inglês, e todos parecem estar acostumados a essa rotina de forma branda. O colégio possui uma boa estrutura para atendê-los, além dos professores citados, conta também, com o apoio de uma auxiliar em sala, coordenação pedagógica, enfermaria e um prefeito de disciplina, que eles mesmo descrevera-o como se fosse um “irmão mais velho”, toda essa equipe com um suporte na educação dessas crianças. A experiência foi enriquecedora para o relatório.

#### **2.4 POR QUE COLOCAR SEU FILHO EM UMA INSTITUIÇÃO BILÍNGUE?**

Em campo, foi feita entrevista com pais de alunos que fizeram essa escolha, o que será abordado mais a frente. Nesse momento vamos dar ênfase nas vantagens e desvantagens de uma instituição como essa para então relacionar os fatos com as entrevistas realizadas.

Para os pais e/ou responsáveis que almejam que seus filhos tenham uma alfabetização bilíngue, é importante ressaltar um ponto importantíssimo nesse início destacado por muitos especialistas, afirmando que a alfabetização em um outro idioma só deve começar quando a criança tiver claramente a consciência fonológica de seu idioma materno, sendo totalmente fluente nele. Segundo a psiquiatra Vera Zimmermann, da Universidade Federal de São Paulo,

O domínio do idioma falado é fundamental para a alfabetização. Se a criança não falar fluentemente o idioma no qual se quer alfabetizá-la, poderá apresentar insegurança e maior dificuldade em assimilar a língua. Nesta situação o melhor provavelmente é priorizar o ensino da língua falada.

Em contrapartida, há quem seja contra a alfabetização de dois idiomas ao mesmo tempo, há especialistas que ressaltam os distúrbios de grafia, fato que pode acontecer com algumas crianças que fazem parte desse processo.

Não precisa ter pressa. O ideal é introduzir o [segundo] idioma escrito de forma gradativa, depois da alfabetização [no primeiro idioma]. Ao misturar tudo, podem surgir problemas como dislexia e dificuldades ortográficas.

Afirma a psicopedagoga Nívea Maria de Carvalho Fabrício.

### **A OPINIÃO DOS PAIS (ENTREVISTA)**

A entrevista foi feita com dois casais, os dois partilham da mesma opinião e matricularam seus filhos, desde o início de suas jornadas escolares, em escolas que ofereciam os dois idiomas no seu programa pedagógico. Segue a transcrição da entrevista de um deles, realizada no dia 12 de junho de 2015 em um colégio internacional em Brasília.

#### **a) Vocês tem quantos filhos?**

4.

#### **b) Por que escolheram um colégio bilíngue.**

*Primeiramente, prezamos muito pela educação dos nossos filhos, geralmente queremos dar a eles o que não tivemos, e acreditamos ser esse um investimento muito bom na vida deles. Fazer com que eles aprendam duas línguas ao mesmo tempo só traz benefícios e facilidades hoje e principalmente no futuro deles. Além disso, por coincidência, os colégios sempre estiveram perto da nossa casa.*

#### **c) Ah! Então eles já estudaram em mais de um colégio? E todos bilíngues?**

*Sim, na verdade eles estudaram em dois. A primeira escolinha dos dois mais velhos era canadense, depois nossa família foi crescendo e*

*resolvemos mudar para uma casa, e nessa casa onde moramos hoje em dia, tem esse colégio internacional. Transferimos eles, depois entrou o terceiro e o meu mais novo vai começar no próximo ano com dois anos.*

**d) Há diferenças entre colégios bilíngues e internacionais. Vocês notaram essa diferença?**

*Não sabemos se essa é uma das diferenças entre eles, mas no colégio internacional eles passam boa parte do dia lá. Eles tomam café, almoçam e lancham, as aulas começam às 8h da manhã e termina às 15h45min.*

**e) Vocês acham importante que os pais falem o segundo idioma que os filhos aprendem?**

*Sim, com certeza! Eles tem dever de casa em inglês, com comandos e tudo...além disso, tem as musiquinhas, trabalhos. É muito importante que os pais saibam pra poder auxiliar os filhos, como em qualquer outra escola.*

**f) Cite algumas vantagens e desvantagens da escola?**

*Somos tão maravilhados com esse universo que é difícil encontrar desvantagens, parece que tudo que é acrescentado nesse contexto é muito bom, muito benéfico. Em casa, eles assistem aos canais infantis de televisão em inglês, desde pequenos incentivamos dessa forma e percebemos que eles não tem muita dificuldade em entender, riem e se divertem como se fosse português. Quando viajamos pra fora, eles consegue se comunicar com certa facilidade, com crianças principalmente, claro que não é a mesma coisa, mas percebo que ainda pequenos já tem um bom discernimento entre as duas línguas. Filmes também sempre levamos ao cinema para sessões legendadas, pois como eles não saber ler ainda, não faz tanta diferença.*

**g) Nesses colégios, o custo é um pouco mais alto em relação aos demais. Qual a opinião de vocês sobre o valor da mensalidade?**

*Antes de entrarmos nesse universo bilíngue, pesquisamos várias escolas, nos atentamos a métodos, instalações e estruturas, segurança, ensino e também a valores, claro. O que podemos observar é que o valor não é tão diferente se levarmos em conta o tempo em que a criança fica na escola, como no nosso caso onde os meninos passam a maior parte do dia, e também se fôssemos fazer suportes extras, como cursinho de inglês. O valor seria praticamente o mesmo ou com pouca diferença, pelo menos foi a conclusão a que chegamos.*

***h) Vocês recomendariam essa experiência para outros pais?***

*Com certeza! Vemos que é muito mais fácil se, desde criança a pessoa já tem acesso a outro idioma, a compreensão, o entendimento, a alfabetização, tudo se torna mais viável, uma vez que o cérebro da criança é uma esponja.*

É notória a satisfação do casal em relação à escolha que fizeram. Fica clara a importância que eles dão para a qualidade do estudo dos filhos bem como do suporte que tentam ser em casa.

O trabalho feito nos permite observar com clareza que tanto a criança bilíngue quanto a criança monolíngue necessita de apoio para conclusão de seu processo de alfabetização, e que, o fato da adição de mais de uma língua em seu processo, não a prejudica, nem acarreta retardos em seu desenvolvimento cognitivo, motor e social.

No Brasil, a educação bilíngue para crianças do grupo dominante conquista cada vez mais seu espaço, a procura pelas escolas bilíngues cresce consideravelmente. Infelizmente, essa não é ainda uma realidade para todos em nosso país.

A vivência nesse meio também permitiu esclarecer pontos que para muitos ainda eram questões de dúvidas, sendo sanados nos capítulos relatados, bem como, observar os professores cientes de como se dá o aprimoramento do conhecimento, uma vez que todo sujeito possui uma bagagem própria de saberes que vão sendo transformados e ampliados com a mediação no espaço escolar, na família ou nos diversos contextos sociais e culturais.

Apenas por compreensões mais amplas sobre o desenvolvimento da criança bilíngue e suas relações com o desenvolvimento cognitivo e também das condições sociais, econômicas, históricas e psicológicas que envolvem a questão, ocorrerá a desmistificação da educação bilíngue, esclarecendo assim, as diversas possibilidades existentes e suas possíveis consequências.

### **PARTE III - PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

No início tudo era muito novo, o curso de Pedagogia não foi algo desejado desde a minha infância. A vida foi jogando as pedras para que eu trilhasse esse caminho, e aqui estou hoje. Concluo o curso com a certeza da satisfação que tenho ao ver uma criança ciente de tudo que eu consegui mediar a ela.

A cada dia me apaixono mais com a área, principalmente, a das descobertas e é o que me faz ser uma educadora com ainda mais gana de prosseguir nesta trajetória.

Procurei outros caminhos, mas acabei por me doar ainda mais à Universidade e tudo aquilo que estava ao meu alcance do que ela oferecia. Perfaço essa importante etapa na minha vida com alegria e transbordando de planos e sonhos, como ter uma escola e poder criá-la diante de tudo aquilo que aprendi, vivenciei e acredito.

Almejo uma especialização para um entendimento maior do sistema neurológico da criança para que eu possa estudar mais a fundo como ocorre todo o desenvolvimento interno e, posteriormente um mestrado e doutorado que alie esse conhecimentos de forma conjugada.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Antônio A.G. **Alfabetização, leitura e escrita**. In: Carvalho, Maria A. F. & Mendonça, Rosa H. (org.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006,

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 4ª Ed. São Paulo, Hucitec, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. Ed. Scipione. São Paulo, 2001.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 1ª Edição. Ed. Cortez, 2008.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana M. Linchestein e outros. Porte Alegre: Artes Médicas, 1979.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Wiley – Blackwell , 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Metodos de Tecnicas de Pesquisa Social**. Sao Paulo: Ed. Atlas, 1995.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambrigde, MA: Harvard University Press, 1982.

HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JARDINI, Renata Savastano. **Alfabetização e Reabilitação pelo Método das Boquinhas**. 1ª Edição. Bauru, 2010.

KING, Kendall & MACKEY Alison. **The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York, NY: HarperCollins, 2007.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MACKEY, W. **The Description of Bilingualism**. In: Li Wei, The Bilingualism Reader. London ; New York : Routledge, 2000.

MACNAMARA, J. **Bilingualism and primary education**. Edinburgh; Edinburgh University Press, 1966.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Psicologia pedagógica**. WMF Martins Fontes, 2010.